

O Comboio em Portugal

A História, o Património e a Memória do Caminho de Ferro Português

www.comboio.em.pt

Casa da Cultura, FAFE
22 de Abril a 08 de Maio de 2004

1 – A Festa dos Passos em Couto de Cambeses, Março de 2001.

Ramal de Braga.

2 – O Comboio no antigo Ramal de Braga, 2001.

3 – O Comboio no antigo Ramal de Braga, 2001.

4 – O comboio a Sul, Outubro de 2003.

Linha do Alentejo.

5 – Túnel D. Carlos, Porto, Outubro de 2003.

Linhas do Minho e Douro.

6 – Estação de Porto São Bento. Outubro de 2003.

Linhas do Minho e Douro.

7 – O Comboio no vale do Mondego, Outubro de 2003.

8 – O Comboio em Couto de Cambeses, 2001.

Ramal de Braga

9 – Aveleda, 2001.

Ramal de Braga

10 – O Chefe da Estação de Bifurcação de Lares, Outubro de 2001.

11 – Tadem, 2002.

Ramal de Braga.

12 – Os Ferroviários no Minho, Estação de Nine. 2001.

Linha do Minho/Ramal de Braga.

13 – As Ferroviárias no Alentejo, Outubro de 2003.

Linha do Alentejo.

14 – O Comboio e o rio Mondego. Outubro de 2003.

Breve Biografia do Autor

Dario Alexandre de Sá e Silva nasceu em Vila Nova de Famalicão a 8 de Abril de 1976.

Residiu em Couto de Cambeses (Barcelos) até 2001 e desde então em Tadem (Braga).

Completo o ensino secundário no Externato Infante D. Henrique, Ruílle Braga.

Dedicou-se à fotografia a partir de 1995.

Ingressou na Licenciatura em Comunicação Social da Universidade do Minho em 1996.

Estagiou nos jornais “Região do Minho” e “Correio do Minho” em 2000.

Fotografou a cidade brasileira de Barcelos em 2000.

Estagiou como fotojornalista no jornal Público em 2001.

Colaborou com o Jornal de Notícias entre 2002 e Março de 2004 e colabora com vários jornais regionais.

Realizou o trabalho fotográfico “Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades” da Linha do Minho e Ramal de Braga em Abril de 2004.

Apoios:

Universidade do Minho

Biblioteca Nacional

Centro Português de Fotografia

Caminho de Ferro Portugueses E.P.

Refer E.P.

Imagoteca Municipal de Coimbra/Casa da Cultura

Biblioteca Camilo Castelo Branco - Vila Nova de Famalicão

Direcção Geral de Turismo

ICEP



O MEU COMBOIO

A meus pais, pela maravilhosa viagem

Ao Dario Silva, por toda a dedicação aos comboios

Se o comboio falasse, imagina quantas estórias teria para contar?

Ao longo de sete décadas, faça-se justiça, o comboio foi o mais popular meio de transporte visto nestas paragens.

A chegada do novo meio de transporte era inevitável. Estava de acordo com a vaga tecnológica da metalurgia do ferro fundido e do aço, e dos caminhos-de-ferro. Algo que em toda a Europa se tinha imposto mais de meio século antes. Representava a emergência e ascensão de uma nova conduta social, marcada pela Revolução Industrial e Social burguesa. Ao espaço público de Fafe, faltava a nova marca-simbólica dos tempos: o comboio.

O comboio para Fafe e em Fafe, ideia de quem já *vira mundo*, talvez porque a Linha aqui terminava, constituiu sempre uma marca e uma conquista. E foi uma marca pelo menos até ao dia em que a necessidade de modernizá-lo, ditou o seu abandono.

Como em toda a parte, teve a virtude de, ao longo dos tempos, se ter ligado a toda a gente.

A poucos anos do fim da Monarquia, nos primórdios da República – imagina quantas reflexões políticas foram tecidas no interior das carruagens, no percurso entre Fafe e o Porto? Quantos republicanos e quantos monárquicos dele não fizeram uso? Quantos seres humanos, nos tempos da escassez, entre Guerras, com a Grande Depressão no meio; nele não embarcaram? Quantos soldados, soldados de Fafe, não o utilizaram? Alguns acabaram por juntar-se, lá longe, nas trincheiras da batalha, nos idos de 14-18 do século passado; e também nas *Áfricas* hoje soberanas. Depois, na *longa noite das trevas*, quantas fugas? Quantos segredos? Quantas traições e denúncias? Quantos emigrantes à procura de outras paragens, à procura de outras vidas?

De comboio se chegava e se partia de uma vila do interior português. Já nessa altura representava a ligação com o litoral, mais urbano, menos rural. Hoje - mudados os tempos, alteradas as vontades - rural é sinónimo de qualidade de vida! Eram umas horas de viagem - era um longa viagem – para tão poucos quilómetros, mas ainda assim o comboio permitia mobilidade. Permitia saídas e chegadas, movimento de seres e de coisas.

A Fafe, por exemplo, por via férrea, chegavam muitos produtos do mar. Muitas vezes se observava o descarregar de caixas de sardinha. O mercado de peixe era ali ao pé, na Feira Velha. A informação dos jornais vinha no comboio. No tempo em que havia homens a carregar informação, eram eles quem ia buscar e distribuir os jornais. Um deles, *Bolinhas*, atarracado e meio gorducho, ardina de coração e raça. *Bolinhas*, com o saco amarelo a tiracolo, segurando jornais, a cantarolar a própria versão do *Ob-La-Di, Ob-La-Da*, dos *The Beatles*. Mas de Fafe também saíam produtos: madeiras, vinhos verdes, milho, e até o granito que edificou a Câmara Municipal do Porto.

O comboio guardava segredos na paisagem. Um túnel, como o de Paçô Vieira, de onde era natural o Conde de Paçô, que foi Ministro das Obras Públicas, homem empenhado nas coisas do comboio. Tinha estações e apeadeiros como o da Penha, onde saíamos para a romaria de Setembro, e o de Fareja, na freguesia limítrofe a Felgueiras e a Guimarães, logo no início da descida para o vale de Fafe.

E como esquecer a imagem de um poeta de Fafe – Ruy Monte – embarcando na automotora da tarde, já nos “anos 80”? Ruy Monte, em Maio, à janela da carruagem, degustando cerejas e a imaginar sonetos, depois de mais uma passagem pela terra. Era na Primavera, era no Estio, ao cair da folhagem e também no Inverno, quando o fumo do carvão queimado, a brotar da chaminé da locomotiva, se via negro, na paisagem verde-cinza que abraçava a vila. Em pleno Inverno, o silvo estridente da locomotiva, carregado pelo vento, invadia os ouvidos. Para os que já sabiam do horário do comboio, o seu apito, à chegada, na recta antes da última curva, era como um relógio da natureza. Os operários levantavam-se àquela hora. O turno começava.

Depois os amores. Nunca esquecer os amores.

Quantos beijos escondidos, trocados em cada carruagem já desaparecida? Mas também quantos *adeus* definitivos e promessas de não mais voltar? E zangas? E disputas? O comboio transportava almas - *animas* - coisas com vida interior. Um vai-e-vem de gente na azáfama da vida.

Mas o comboio de Fafe era mesmo especial. No Baixo Minho, tal como em Braga, era o único comboio que não ia para mais lado nenhum. Aqui começava, aqui terminava. Fim e início de linha. Possuía até um direito popular a onomatopeia:

- *Tro-fa-fa-fe...tro-fa-fa-fe...tro-fa-fa-fe...*, evocava, na voz das gentes, com humor, o serpentear da máquina sobre o caminho-de-ferro.

Muitas vezes, os putos sentavam-se sobre o muro da estação a ver manobras de locomotivas, de automotoras. O mexer das agulhas, o cheiro a creosote irrompendo das travessas de madeira sobre as quais assentavam os carris. O chefe da estação de bandeira vermelha em riste com o assobio na boca, a dar a partida.

Havia um jardim, o Jardim da Estação, pois claro, onde muitas vezes as namoradas esperavam a chegada das paixões, vindas da tropa. Por ali devem ter chegado um, dois - sabe-se lá quantos! - soldados desconhecidos nos primeiros dias das novas madrugadas de Abril, quando o país – finalmente - se levantou do chão.

Mas, anos mais tarde, num dia assim, como dizer, num dia cansado, no frio de 1985, o comboio atrasou-se para sempre. Ainda hoje, no tempo em que tudo é reciclável, renovável, preservável, há quem não entenda muito bem das razões. Apesar do atraso, o meu comboio, o nosso comboio, deixou vestígios em toda a parte. Sobretudo na memória.

Ainda lá está o fumo antigo das locomotivas e um chilrear longínquo percorrendo o céu. Ainda viajamos em bancos de madeira, à janela, em qualquer manhã de Verão. Queria hoje, nos dias em que nos cansamos à pressa, abraçar aquela lentidão.

O comboio de Fafe, deixe-me chamá-lo assim, nunca será um comboio-fantasma. Está aqui dentro, a contar muitas estórias. E se os fantasmas arrepiam, o nosso comboio encanta e deixa saudades. É, em absoluto, muito diferente das filas de automóveis, dos autocarros e até de uma qualquer bicicleta.

Isaac Pereira